

Beatriz Becker

Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPG-COM/ECO-UFRJ) com Pós-Doutorado realizado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da ECO-Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: beatrizbecker@uol.com.br

RIO + 20: faces de um acontecimento global

RIO + 20: faces of a global event

RIO + 20: caras de un evento global

RESUMO*

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre o jornalismo como forma de conhecimento e sobre o conceito de *agenda-setting* na contemporaneidade, discutindo a objetividade e a imparcialidade nos relatos jornalísticos por meio de uma análise da cobertura da conferência Rio+20, mais especificamente dos conteúdos e formatos audiovisuais disponibilizados em portais de notícias de diferentes continentes, focalizando os atributos conferidos ao Brasil e à cidade do Rio de Janeiro. Os resultados desta investigação oferecem uma radiografia do papel da mídia e das relações geopolíticas na atualidade tecidas pelos discursos da imprensa e permitem identificar, também, efeitos da convergência nas práticas jornalísticas e características relevantes de narrativas jornalísticas audiovisuais. Palavras-chave: Narrativas jornalísticas audiovisuais. *Agenda setting*. Convergência. Análise televisual. Rio+20.

ASBSTRACT

This paper proposes a critical reflection on journalism as a form of knowledge and on the concept of *agenda-setting* in the present times, discussing the objectivity and impartiality in journalistic accounts through an analysis of the coverage of the Rio+20 Conference, more specifically the audiovisual contents and formats available on news portals from different continents, focusing on the attributes conferred to Brazil and to the city of Rio de Janeiro. The results of this research provide a radiography of the role of media and geopolitical relations woven by the press speeches. They also allow the identification of the effects of convergence in journalistic practices and the relevant features of audiovisual journalistic narratives. Keywords: audiovisual journalistic narratives. *Agenda setting*. Convergence. Televisual analysis. Rio+20

RESUMEN

Este trabajo propone una reflexión crítica sobre el periodismo como una forma de conocimiento y el concepto de *agenda setting* en la contemporaneidad, debatiendo acerca de la objetividad e imparcialidad en relatos periodísticos, a través de un análisis de la cobertura de la Río+20, más concretamente de formatos y contenidos audiovisuales disponibles en portales de noticias de diferentes continentes, centrándose en los atributos otorgados a Brasil y a Río de Janeiro. Los resultados de esta investigación proporcionan una radiografía del papel de los medios de comunicación y de las relaciones geopolíticas en la actualidad, tejidas por los discursos de la prensa. También nos permiten identificar los efectos de la convergencia en las prácticas del periodismo y características pertinentes de las narrativas audiovisuales periodísticas. Palabras clave: Narrativas audiovisuales periodísticas. *Agenda setting*. Convergencia. Análisis televisual. Río+20.

Submetido em: 3.12.2012

Aceito em: 26.3.2013

* Trabalho apresentado no X Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), Curitiba, PUC-PR, 2012.

Introdução

Nos últimos 30 anos, grande parte da economia do mundo está cada vez mais integrada. Globalização significa mais do que comprar e vender bens e produtos no mercado internacional; é um profundo intercâmbio de culturas e uma revolução da comunicação que transforma nossa forma de perceber o mundo. Porém, por mais que as barreiras espaciais e temporais tenham sido rompidas no ambiente digital e os meios anunciem sua vocação global buscando, agora, congregar comunidades idiomáticas e temáticas e exercer um papel de liderança nas conversações sobre a atualidade, permanecem ancorados em territórios físicos e simbólicos que influenciam sobremaneira a construção das notícias e a experiência da realidade cotidiana (cf. HACHTEN, SCOTTON, 2012; SALAVERRIA, NEGREDO, 2008). Afinal, o acontecimento é um fenômeno social e está determinado histórica e culturalmente, e cada sistema cultural concretiza quais são os fatos sociais que merecem ser considerados acontecimentos e quais passam despercebidos, até porque toda forma de enxergar é uma forma de ocultar. No exercício de suas mediações, a mídia produz e reproduz, com expressiva autonomia, as estruturas de poder social. A realidade existe de forma objetiva, independente do sujeito, mas nem

sempre o reflexo da realidade que a imprensa nos traz é verdadeiro ou fiel. A objetividade é uma diretriz importante na construção dos relatos jornalísticos, mas a neutralidade é inalcançável (cf. VAN DIJK, 2010; RODRIGO ALSINA, 2009; BECKER, 2005).

Na contemporaneidade, a agenda da mídia ainda estabelece a agenda pública. E é a ênfase dada a um acontecimento que influencia sua prioridade para o público, especialmente em função dos atributos, características e propriedades que preenchem as imagens das notícias, competindo pela atenção dos jornalistas e de variadas audiências. E o fato de que as audiências tendem a tornarem-se cada vez mais fragmentadas e a se servirem de diferentes agendas midiáticas não sustenta, na atualidade, previsões sobre o fim do agendamento. Grandes conglomerados de mídia cujos interesses espalham-se ao longo de uma variedade de veículos de mídia, também possuem muitos dos mais populares *sites*, distribuindo o mesmo conteúdo básico por meio de numerosos canais (cf. McCOMBS, 2009). Não por acaso, nas organizações noticiosas, as práticas do *shovelware*, a transferência frequente de conteúdo de uma fonte original para outro suporte e a publicação dessa informação sem seleção ou adaptação, e as de *repurposing*, isto é, a reprodução de conteúdos procedentes de outros suportes com uma adaptação editorial são recorrentes (cf. McCOMBS, 2009; SALAVERRIA, NEGREDO, 2008), imersas nos efeitos da convergência, aqui, compreendida, não apenas como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos, uma vez que também define transformações mercadológicas, culturais e sociais, e é dependente da participação ativa dos

consumidores (cf. JENKINS, 2008). Mas, se essas práticas, associadas à integração das redações, motivadas apenas pela redução de custos, não tendem para um jornalismo de qualidade, a convergência, no jornalismo, também possibilita maiores intercâmbios e combinações de conteúdos e uma ampliação da participação dos usuários na construção da informação em um processo multidimensional que implica reorganizar a equipe que produz conteúdos para diferentes meios, transformar as estruturas editoriais e hierárquicas e alterar a organização gerencial da empresa (cf. SALAVERRIA; NEGREDO, 2008).

Em um momento em que as rotinas produtivas sofrem expressivas mudanças, o jornalismo não deixa de ser uma forma de conhecimento, ainda que qualquer tipo de informação seja criado a partir de determinadas perspectivas (cf. SPONHOLZ, 2009). De fato, os veículos noticiosos apresentam uma visão limitada dos acontecimentos “através de uma estreita fresta das janelas de alguns edifícios contemporâneos” (McCOMBS, 2009, p. 45), o que não significa que as imagens que vemos do mundo sejam uma fabricação da realidade.

O meio ambiente é um tema contemporâneo tão complexo quanto a economia na pauta da mídia. “Como assunto público, o ambiente pode variar desde preocupações locais a internacionais e desde preocupações abstratas até as mais concretas” (McCOMBS, 2009, p. 127). As percepções da natureza e da problemática ambiental residem na intersecção entre os ecossistemas naturais e os sistemas sociais humanos. É por meio das disputas discursivas que a comunicação ambiental constrói-se e constitui-se como problema a ser investigado (cf. AGUIAR; CERQUEIRA,

2012). A cobertura da Rio+20 é escolhida como objeto de estudo porque é um exemplo expressivo das diferentes faces de um acontecimento global que envolve distintas dimensões das sociedades complexas.

A Rio+20 reuniu representantes de praticamente todas as nações do mundo para uma discussão global sobre como conciliar o desenvolvimento econômico com a inclusão social e a conservação ambiental, etapa importante de um debate internacional iniciado, ainda em 1972, em Estocolmo, na Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente Humano. Quinze anos depois, um documento oficial da Organização das Nações Unidas (ONU), publicado em 1987, já indicava que o modelo sobre o qual as sociedades se organizavam seria inviável no longo prazo porque o uso indiscriminado da água, a poluição do ar e os danos ao meio ambiente levariam o planeta ao colapso. Em 1992, a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, encontro que ficou conhecido como Rio 92, ou ECO 92, introduziu a ideia de desenvolvimento sustentado, sugerindo que o desenvolvimento econômico pode ser compatível com a proteção ambiental e com a inclusão social. Os resultados da Rio 92 materializaram-se em forma de acordos que serviram como referência para a Rio+20.

Apesar da relevância do tema, as expectativas sobre a Conferência não eram muito animadoras diante da crise na Europa, das desigualdades de crescimento e de poder entre os países e do enfraquecimento dos Estados nacionais e dos movimentos sociais ante os interesses financeiros que se voltam para o meio ambiente. Mas a análise dos relatos jornalísticos selecionados nesta investigação permite

uma radiografia do papel da mídia e das relações geopolíticas na atualidade, tecidas pelos discursos da imprensa. A Rio+20 contou com a presença de 193 líderes mundiais, entre os quais o presidente de Cuba, Raúl Castro, o presidente do Irã, Mahmud Ahmadinejad, o presidente da Bolívia, Evo Morales, o primeiro-ministro da Espanha, Mariano Rajoy, e o presidente do Equador, Rafael Correa. No entanto, as ausências do presidente do país líder no cenário internacional, Barack Obama (EUA), da chanceler do maior expoente econômico na atualidade, Angela Merkel (Alemanha), e do primeiro-ministro britânico, David Cameron, enfraqueceram a força política da Rio+20 e suas discussões antes mesmo do início da Conferência. Porém, o encontro não ficou restrito às discussões entre os chefes de Estado. Além das negociações oficiais, foram realizados mais de mil eventos paralelos com empresas, ONGs, especialistas e movimentos sociais para buscar soluções e metas para enfrentar os desafios globais como a Cúpula dos Povos; o Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável; e os próprios eventos oficiais da ONU: o Comitê Preparatório e os "Diálogos para o Desenvolvimento Sustentável".

Por meio de uma análise da cobertura jornalística da Conferência das Nações Unidas Rio+20, este trabalho mostra como as diferentes abordagens do acontecimento são constituídas como um caleidoscópio pela mídia, mas suas significações também dependem das leituras das imagens e palavras que representam a realidade. Assume-se, como explica Santaella e Nöth, que tanto as mensagens verbais quanto as pictóricas devem ser interpretadas dentro de seu contexto mais amplo:

A maioria das estratégias manipuladoras da informação pictórica nos meios de comunicação não são falsificações diretas da realidade expressas de maneira assertiva, mas manipulações através de uma pluralidade de modos indiretos de transmitir significados. (SANTAELLA; NÖTH, 2008, p. 208).

O *corpus* desta pesquisa é constituído pelos conteúdos e formatos audiovisuais disponibilizados sobre a Conferência em portais de informação representativos de quatro diferentes continentes: Al Jazeera (<http://www.aljazeera.com>), BBC (www.bbc.co.uk), CNN (www.cnn.com) e G1 (g1.globo.com), selecionados por meio de suas respectivas ferramentas de busca mediante a inserção da palavra-chave "Rio+20" no período de 13 a 23 de junho de 2012, os quais indicam efeitos da convergência nas práticas jornalísticas e nas características das narrativas noticiosas formadas por textos verbais, vídeos, fotografias, sons e gráficos. São analisadas todas as notícias que incorporam a linguagem audiovisual e recursos multimídia publicadas nos portais estrangeiros e os vídeos destacados na *home* do G1 por apresentar 865 resultados da busca realizada no *site* no mesmo período, totalizando 55 conteúdos que correspondem a 232 minutos e 9 segundos, ou quase quatro horas de material noticioso. Nessa investigação, busca-se compreender também os atributos conferidos ao Brasil e à cidade do Rio de Janeiro. É adotada a metodologia proposta por Becker (2012), que permite uma leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais dos referidos *sites*, formada por três fases distintas: descrição, análise televisual e interpretação dos resultados. A análise televisual reúne duas etapas: um estudo quantitativo e um estudo qualitativo dos referidos relatos jornalísticos.

Na primeira, são aplicadas cinco categorias – estrutura do texto, temática, enunciadores, multimídia e edição¹ –, e na segunda, três princípios de enunciação² – fragmentação, dramatização e definição de identidades e valores. São apresentados abaixo, os resultados alcançados na análise televisual das cober-

-
- ¹ A *estrutura do texto* corresponde a como a narrativa da notícia é organizada, observando ainda como são trabalhadas a hipertextualidade, a interatividade, a atualidade, a periodicidade da produção e a memória no ambiente digital. A *temática* revela os conteúdos e os campos temáticos privilegiados. A categoria *enunciadores* permite identificar os atores sociais que participam da narrativa. A *multimídia* oferece a possibilidade de perceber como diferentes linguagens e suportes são integrados, ou seja, como são trabalhados áudio, vídeo, fotografia e infográficos como elementos constitutivos de uma mesma mensagem. A *edição* é utilizada para compreender os processos de montagem, as principais características das notícias que incorporam a linguagem audiovisual e os recursos multimídia: e como as combinações entre texto verbal e imagem produzem sentidos (BECKER, 2012).
- ² Por *fragmentação* entende-se o caráter condensado e enxuto da maioria das narrativas jornalísticas televisuais construídas em forma de mosaico, o que não colabora para a compreensão do fenômeno noticiado em toda a sua complexidade por não oferecer oportunidade de realizar interligações indispensáveis para a apreensão de conflitos sociais referentes a um determinado acontecimento. O princípio da *dramatização* corresponde à natureza ficcional da narrativa, envolvendo emocionalmente o telespectador ou o usuário no processo de leitura de um texto audiovisual, cujo desvendamento da narrativa é realizado por etapas para que o clímax seja aumentado, gerando um apagamento das fronteiras entre a realidade e a ficção e despertando sentimentos de empatia, sedução ou comoção. O princípio da *definição de identidades e valores* permite conhecer as marcas enunciativas da narrativa audiovisual referentes aos valores atribuídos a problemas locais e globais e os modos como são julgados e qualificados. Possibilita, ainda, compreender como são eleitos os tipos sociais de uma reportagem muitas vezes representados de maneira estereotipada, trágica e sensacionalista (BECKER, 2012).

turas desses quatro portais de informação investigados e, posteriormente, sua interpretação.

Rio+20 em close

AL JAZEERA

A versão em inglês do portal da Al Jazeera aparece como o *site* mais avançado no relacionamento com as redes sociais e no aproveitamento da convergência na produção dos conteúdos e formatos noticiosos, permitindo aos usuários acessar o canal de televisão em inglês, do mesmo grupo, ao vivo, com *links* para todos os programas. Usos recorrentes das ferramentas digitais são identificados na indicação das matérias mais vistas, no *spotlight*, uma área de destaque para colunas de opinião e *blogs*, e em um *slideshow* na parte superior da *home*. Os conteúdos noticiosos são divididos nas seguintes editorias: Notícias, Programas, Vídeos, Blogs, Opinião, *In Depth*, Negócios, Esporte, Tempo e Ao Vivo. Todas possuem subeditorias, com exceção de Tempo, Ao Vivo, Esporte e Opinião. No entanto, todas as matérias têm as mesmas características narrativas das reportagens televisivas.

Uma significativa diversidade de vozes marca as quatro reportagens em áudio e vídeo da Al Jazeera sobre a Rio+20. São entrevistados o prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, professores, cientistas, cidadãos de continentes distintos, representantes de movimentos sociais e, inclusive, moradores de comunidades carentes, em uma das matérias realizadas na Amazônia, por Gabriel Elizondo, um dos dois repórteres escalados para a cobertura. Essa reportagem, marcada pela dramatização, não apresenta de maneira correta o crédito do representante do gover-

no local entrevistado, tampouco dados sobre o desmatamento enunciados. Resulta em uma crítica ao Brasil por descumprir acordos anteriores, estabelecidos entre chefes de Estado, na Rio 92, para a proteção do meio ambiente, ressaltando que o País destrói sua própria floresta sem cuidar de sua população. Porém, o deslocamento de Elizondo para a Amazônia não deixa de evidenciar um investimento da Al Jazeera na cobertura da conferência, acompanhada no Rio de Janeiro pelo repórter Rob Reynolds, que apresenta os problemas da cidade mostrando suas contradições e revelando, ao mesmo tempo, o que tem sido feito para seu desenvolvimento econômico e social. São ainda oferecidas algumas informações relevantes e complementares às reportagens sobre a Rio+20 nas barras de rolagem na parte inferior da tela.

BBC

Nos sites da BBC e da CNN é possível ter acesso aos vídeos disponibilizados, mas ambos os portais não permitem acesso às matérias dos telejornais e a outros programas da televisão na íntegra, apenas a reportagens já veiculadas na TV e publicadas como destaque nas *homes*. O portal da BBC apresenta, em sua *home*, dois *slideshows*, um na parte superior e outro menor na parte lateral direita da página principal, que é dividida nas editorias: Entretenimento e Artes, Saúde, Tecnologia, Notícia, Futuro, TV, Ciência e Meio Ambiente. Propagandas e notícias mais lidas também são destacadas na *home*, assim como o sistema de busca, que permite o refinamento da pesquisa e é de fácil utilização para o usuário. Nas páginas das matérias sobre a Rio+20 há *links* para outras matérias produzidas pelo próprio *site* e *links* externos para a página da Conferência construída pelas Nações Unidas.

A BBC apresentou onze reportagens audiovisuais sobre a Rio+20 com diferentes enunciadorees, como o secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, e o líder comunitário da favela da Rocinha, constituindo-se como uma cobertura polifônica. A contextualização do acontecimento, evidenciando a complexa relação entre desenvolvimento econômico, inclusão social e as questões ambientais, e o investimento no uso criativo da linguagem audiovisual em matérias originárias de pautas oficiais e não oficiais são visíveis nas reportagens do correspondente David Shukman, como na matéria *Rio+20 Progress on Earth issues too slow*³. No entanto, o olhar do Primeiro Mundo carrega uma percepção etnocêntrica sobre a Rio+20 que privilegia os países desenvolvidos, claramente reconhecível no texto de Shukman quando afirma, por exemplo, que os países em desenvolvimento foram à conferência especialmente em busca de dinheiro, o que diminui a importância dessas nações no cenário internacional e seus distintos desafios. Observa-se ainda uma tendência à personalização dos relatos, que valoriza a presença do repórter na construção de narrativas noticiosas muito próximas às transmissões ao vivo, trabalhadas como sequências de *flashes* que não exigem uma edição elaborada. Um exemplo foi a matéria realizada pelo repórter na favela da Rocinha, marcada pela dramatização. A cobertura da BBC abre espaço para a contribuição de reportagens complementares produzidas por repórteres locais, porém, nesses relatos, se o Brasil é pouco questionado como anfitrião da Conferência, a cidade do Rio de Janeiro é alvo de críticas. Dois exemplos são as matérias sobre os protestos realizados durante a Con-

³ Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/news/science-environment-18528699>

ferência, comparados a um desfile de carnaval, o que esvazia seus significados políticos, sugerindo que a “cidade maravilhosa” é uma espécie de “paraíso tropical”; e outra reportagem mais apurada sobre a poluição da Baía de Guanabara, a qual também confere ao Rio uma imagem depreciada.

CNN

Na *homepage* da CNN, assim como na da BBC, há espaço exclusivo dedicado à publicidade, o que indica que os investimentos publicitários já aparecem nos *sites* de informação. São também destacadas, na página principal, as reportagens mais lidas, programas e reportagens televisivas em vídeo, e notícias indicadas pelo editor. As editorias apresentadas na *home* são: Negócios, Esportes, Viagem, Entretenimento, Ambiente, Tecnologia e Notícias.

A CNN apresentou seis vídeos sobre a Rio+20, todos originários do canal televisivo CNN, matérias pouco inventivas esteticamente, com exceção de um *take* invertido utilizado em uma reportagem da jornalista Shasta Darlington sobre os preços altos dos hotéis no Rio e a alternativa dos motéis para hospedagem no período da Conferência⁴. Ainda que a figura do repórter seja valorizada, durante toda a cobertura o acontecimento foi abordado de maneira superficial e descontextualizada. A relação entre as dimensões econômica, social e ambiental foi tratada de maneira personalizada por meio de duas reportagens sobre a trajetória da mulher do primeiro-ministro do Quênia, Ida Odinga, sem o estabelecimento de qualquer relação com a Conferência. Um dos vídeos

⁴ Disponível em : <http://edition.cnn.com/video/#/video/business/2012/06/19/darlington-brazil-rio-20-hotel.cnn?iref=allsearch>

disponibilizados no período da análise foi uma espécie de experimento da CNN que sugere a aproximação da empresa com a questão do meio ambiente, promovendo um vínculo com a sociedade por meio de convite aos usuários para fazer comentários via *twitter* sobre o tema, o que revela uma apropriação da conferência para utilizá-la em campanha institucional da própria CNN. O Brasil e a cidade do Rio de Janeiro não apareceram como foco específico de nenhuma das reportagens exibidas pelo portal.

G1

A transmissão ao vivo marca a cobertura do G1 em alguns momentos da cobertura, e a Rio+20 é destacada na *homepage* durante todo o período da conferência. O portal criou, inclusive, uma página específica para agrupar os conteúdos produzidos sobre o acontecimento. Sua página principal destaca as matérias dos telejornais da Rede Globo no lado superior direito da *homepage*, porém o acesso aos noticiários é restrito aos assinantes. Há outras notícias também destacadas na parte superior, além de chamadas para as matérias mais lidas de *blogs* e colunas, assim como índices do mercado financeiro e informações sobre o tempo. As editoriais são indicadas por meio de *links*, porém não é observada uma divisão regular dos conteúdos na primeira página.

A maioria dos 34 vídeos postados na *home* no período da análise – nove matérias, quatro discursos, um pronunciamento, um *stand up*, quatro *flashes*, sete entrevistas e oito registros de câmera aberta –, é originária dos telejornais do mesmo grupo de mídia: 11 do *Jornal da GloboNews*, três do *Jornal Nacional*, dois do *RJ TV 2ª edição*, dois do *Jornal da Globo* e

um do *Jornal Hoje*. Mas há 15 vídeos produzidos pelo próprio portal que apresentam algumas inovações, como a inserção do título da matéria em caracteres, a concessão do microfone para os entrevistados durante a gravação dos depoimentos, a gravação de perguntas de representantes da sociedade civil para especialistas sobre o meio ambiente e registros de manifestações associadas à Conferência realizadas na cidade com entrevistas, mas sem narração em *off*, como o protesto contra o documento final da Conferência. Durante alguns minutos, a câmera mostra os manifestantes gritando palavras de ordem e como ocuparam parte do Riocentro, local onde foram realizadas as atividades oficiais da Conferência, e o vídeo é encerrado com depoimentos de dois participantes do movimento. Esses novos modos de registrar o acontecimento são esteticamente interessantes, porém os vídeos carecem de informação, constituindo-se mais como conteúdos de humor, curiosidade e entretenimento que buscam aumentar os acessos ao *site*. Abrem espaço para uma maior participação das audiências na produção de conteúdos, mas não valorizam politicamente o acontecimento, como o vídeo da “mulher bambu” e as entrevistas com representantes de diferentes comunidades indígenas, os quais ganharam uma incursão forte na cobertura e souberam aproveitá-la, mas foram representados de forma caricata em alguns momentos, como na matéria sobre a primeira vez que os índios viram o mar. E nas reportagens disponibilizadas pelos noticiários televisivos tampouco foi possível ter uma percepção mais ampla e reflexiva sobre a Conferência, ainda que o *site* tenha fornecido muitas informações sobre questões ambientais que motivaram a realização

da Conferência, expectativas de diferentes países, íntegras de discursos, atividades realizadas durante a Rio+20, e a Rede Globo tenha empenhado esforços em montar um estúdio no Riocentro.

Durante toda a cobertura do G1, foi conferida ao Brasil a imagem de um país anfitrião dialógico e diplomático nas relações internacionais; a geografia e a paisagem cultural carioca foram valorizadas sem referências aos problemas socioeconômicos e ambientais da cidade. No entanto, diferente das demais coberturas jornalísticas estudadas, foram ressaltadas as expectativas dos países em desenvolvimento sobre o acontecimento, especialmente o Brasil e países da América Latina.

Primeiras lições

A Al Jazeera, como a BBC e a CNN, não abordou as discussões sobre meio ambiente e o desenvolvimento sustentável realizadas na Rio+20, porém apresentou uma boa matéria sobre a cidade do Rio de Janeiro e as expectativas dos participantes das agendas oficiais e dos eventos paralelos na abertura da conferência, ainda que as críticas ao Brasil, na reportagem sobre a Amazônia, tenham sido elaboradas com parcialidade. A BBC foi bastante fiel à posição do Primeiro Mundo em suas reportagens e a CNN buscou valorizar sempre as ações norte-americanas. O G1, embora tenha trabalhado a cobertura como uma celebração nacional, sustentando a bandeira verde, foi o único *site* estudado a trazer a perspectiva dos países em desenvolvimento em suas enunciações. É possível observar, nesta investigação, a pouca repercussão internacional da Rio+20 em oposição à intensa cobertura nacional. A conferência foi destacada não só no G1, mas

em outros *sites* de informação, jornais impressos com cadernos especiais sobre o tema, revistas semanais e emissoras brasileiras de rádio e televisão.

Revela-se que, na era da convergência entre as mídias, a imprensa permanece ancorada em territórios físicos e simbólicos que influenciam sobremaneira a construção das notícias, e que os relatos jornalísticos, amparados pelos princípios inatingíveis da objetividade e da imparcialidade, são uma mistura de informação e desinformação da experiência da realidade social cotidiana no mundo global. O conflito na Síria, a crise das eleições no Egito, a Eurocopa 2012, a crise do euro e as eleições na Grécia foram os acontecimentos de maior destaque nos *sites* estudados no período da Rio+20, os quais não abordaram, inclusive, os debates oficiais e os eventos paralelos organizados pela sociedade civil, acompanhando o pouco investimento político dos governos inglês e norte-americano na Conferência, perceptível nas ausências do primeiro-ministro britânico, David Cameron, e do presidente dos Estados Unidos, Barack Obama. E a secretária de Estado, Hillary Clinton, ainda se restringiu, em seu pronunciamento, ao anúncio de programas de ajuda aos países pobres, sem discutir a necessidade de mudanças nos padrões de consumo dos países desenvolvidos. Na mídia nacional, outros acontecimentos também ganharam espaço nesse período: o caso do assassinato do empresário do grupo Yoki pela esposa, a “CPI do Cachoeira”, e a crise no Paraguai que culminou no *impeachment* do presidente Lugo e na posse de seu vice. Mas, a maior parte das reportagens também não discutiu a dimensão geopolítica Rio+20 e, nesse sentido, elas aproximam-se das coberturas jornalísticas dos *sites* internacionais estudados.

Os conteúdos sobre ciência e meio ambiente ganharam destaque, porém a imprensa raras vezes trabalhou a relação entre os problemas econômicos, financeiros e ambientais. Alinhada com as ações políticas de seus respectivos governos, não apresentou uma visão multicultural da Conferência e dos eventos paralelos. A cobertura da mídia construiu o acontecimento como um grande evento de maneira fragmentada, sem aprofundar questões importantes e ressaltar prioridades das agendas nacionais e internacionais (cf. DINES, 2012). No entanto, essa tendência, identificada na análise, não impediu que outras vozes ressoassem, mesmo sem a igualdade de poder da mídia, porque a linguagem é um campo de batalha social. O entendimento de que o texto polifônico implica um confronto entre distintos discursos sociais que exprimem as contradições de uma época e a compreensão de que o conhecimento dá-se por meio da alteridade na troca de experiências, visões e sensibilidades são ensinamentos relevantes de Bakhtin (2006) e de Stam (1992) para essa investigação por permitirem uma percepção ainda mais ampla dos sentidos construídos sobre a Rio+20.

Outros olhares sobre o acontecimento

Cientistas e representantes de movimentos sociais não ficaram muito satisfeitos com os resultados da Rio+20 porque o texto final não revela a urgência dos problemas que precisam ser enfrentados para garantir a qualidade de vida no planeta. A declaração final da Rio+20 foi marcada mais por indicações e sugestões do que por decisões. A única decisão mais concreta foi a criação do Fórum de Alto Nível, previsto para ser realizado na ONU em setembro de 2013. Até mesmo prefeitos de 58 metrópoles responsáveis por

12% das emissões de gases-estufa em todo o mundo foram mais proativos que os líderes de Estado, anunciando metas globais e individuais para atender aos interesses das nações e ao futuro da Terra durante o evento paralelo C-40 (cf. ALVEZ; MAGALHÃES; MARQUEIRO, 2012). Afinal, os interesses financeiros sempre se sobrepõem às relações diplomáticas, e os governos estão mais preocupados com suas próprias crises e dívidas do que com o estabelecimento de ações globais dedicadas à qualidade de vida. Enquanto alguns países europeus enfrentam as vulnerabilidades físicas de seus territórios ameaçados pela elevação do nível do mar, a inclusão social, o fim da miséria e a criação de tecnologias inovadoras impõem-se como os principais desafios para os países em desenvolvimento.

Ficou claro que, para os países menos poderosos, o desenvolvimento sustentável precisa ter cores e sotaques diferentes em acordo com a realidade de cada país e de cada região. Como explica a geógrafa Bertha Becker (2012), as grandes reservas de recursos naturais estão concentradas nas vastas porções de terra dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, enquanto os países mais ricos dominam as tecnologias mais avançadas e estão interessados em ampliar o controle desses recursos, porque, o que causa a perda da biodiversidade é a estrutura econômica instalada. A “economia verde” pode estar associada à mercantilização da natureza, ou apenas aos interesses financeiros e à abertura de novos mercados, sem contemplar os pilares social e ambiental que amparam o conceito de desenvolvimento sustentado: “Existe uma ideia de que a ciência e a tecnologia salvarão o planeta. Mas, acho muito difícil, se não houver mudanças nas causas da de-

gradação” (BECKER B., 2012, p.3). E, ainda segundo a geógrafa, os cientistas e os movimentos sociais podem ser aliados, marcando limites para o mercado, mas os Estados têm papel central por poder externar, negociar e concretizar suas aspirações.

Para o governo brasileiro, em busca do consenso, o resultado da Rio+20 foi o melhor possível e a criação do Fórum é um ganho imensurável para o Brasil, porque a criação de um órgão político da ONU dedicado ao desenvolvimento sustentável cria condições para cobrar de todos os países as suas responsabilidades. A ministra do meio ambiente, Izabella Teixeira, afirmou que o Fórum recém-criado pode, não apenas ser responsável pela avaliação e implantação dos objetivos do desenvolvimento sustentável, mas trazer esse debate para a centralidade das questões da geopolítica internacional e do multilateralismo (cf. SANTANNA, 2012).

A sociedade civil protestou e considerou os resultados da Conferência pouco ambiciosos, tímidos e conservadores, até mesmo com uma intervenção do Vaticano para retirar do texto a menção aos direitos reprodutivos e, com mais de 20 temas sem acordo, freados pela crise econômica mundial. Mas os relatos jornalísticos não deixaram de mostrar uma descentralização dos poderes governamentais ante a diversidade de vozes de diferentes comunidades – estudantes, ativistas, representantes de ONGs e de movimentos feministas, empresários, professores, profissionais liberais, líderes indígenas e cientistas – que, mesmo à margem dos debates políticos entre as nações no Riocentro, desempenharam, na Rio+20, um papel de vanguarda.

Nesse acontecimento de tamanha complexidade do mundo global, em que o protagonismo foi tão disputado por diplomatas e ambientalistas, a força dos anseios populares ficou registrada na história contemporânea construída pela imprensa. Outros episódios provocaram desconforto e polêmica antes e durante a Conferência, como a cobrança de preços exorbitantes de hospedagem por parte de alguns donos de hotéis do Rio de Janeiro e a atitude da Anatel de retirar do ar, temporariamente, a Rádio Cúpula dos Povos, que transmitia informações e debates do evento paralelo de mesmo nome instalado no aterro do Flamengo, local que reuniu milhares de pessoas interessadas em buscar agendas comuns e pensar coletivamente por meio de grupos de discussão, ações concretas e cooperativas para os problemas ambientais e sociais e, inclusive, alternativas ao atual modelo econômico. Um dos principais resultados foi a versão preliminar de um documento entregue ao secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, que reconheceu a importância da Cúpula, mas não transmitiu muita esperança na adoção das sugestões.

De qualquer modo, o Brasil foi reconhecido como anfitrião por diferentes líderes de Estado, e a cidade do Rio de Janeiro conseguiu, pouco mais de duas semanas depois da RIO + 20, um feito inédito: tornou-se a primeira a receber o título de patrimônio mundial na categoria paisagem cultural. A boa notícia vai exigir investimentos das autoridades locais na manutenção e conservação dos principais cartões-postais do Rio, uma tarefa nada incômoda para um estado agraciado, no início dos trabalhos da RIO + 20, com um empréstimo para obras de mais de 3 bilhões de reais do Banco do Brasil (cf. ROCHA, 2012). E tomara que

sejam dedicados aos graves problemas sociais e ambientais enfrentados no cotidiano por sua população.

Considerações finais

Esse estudo mostra como as diferentes imagens de um acontecimento são construídas como um caleidoscópio pela mídia, mas que suas significações também dependem dos modos como as imagens e palavras que representam a realidade são interpretadas, mesmo sob a influência do agendamento dos meios na agenda pública na contemporaneidade.

Os enunciados jornalísticos participam do diálogo social de maneira singular. As notícias buscam, por meio da objetividade e da imparcialidade inatingíveis e do enrijecimento de seus formatos, apagar as subjetividades, os valores ideológicos de seus produtores e a arbitrariedade de suas abordagens. Mas os relatos jornalísticos são impulsionados por movimentos e rupturas na vida social. Se a escrita das reportagens e coberturas oferece-se como um registro do cotidiano carregado de intencionalidades, também estimula leituras e reflexões pela impossibilidade de estabilizar e regular os sentidos em uma única direção (cf. MEDITSCH, 2012). O discurso da imprensa é um modo de representação e significação do mundo moldado e restringido pela estrutura social. Ao mesmo tempo, é uma situação na qual lutas por poder são travadas e podem ser reveladas por jogos de força e formas de ação em que as pessoas podem interagir com a realidade e com os outros (cf. FAIRCLOUGH, 2001).

Nesta investigação, observa-se o surgimento de novos formatos e modos de narrar e distintas possibilidades para a multimídia e a visualização das informações, modificando, inclusive, as maneiras

de ler e escrever (cf. SALAVERRIA; NEGREDO, 2008; BARBOSA; TORRES, 2012). No entanto, nas coberturas analisadas, a maior parte dos conteúdos noticiosos audiovisuais disponibilizados ainda guarda características muito semelhantes às reportagens televisivas, sem explorar, de maneira inventiva, combinações de textos verbais, fotografias, sons, vídeos e gráficos em uma mesma matéria informativa.

A integração das redações tende a servir para reduzir os custos da produção de notícias e torná-las homogêneas. Por outro lado, assiste-se a uma transição do modelo de produção de informação, marcado pelo uso de dispositivos móveis e pela expressiva capacidade de resposta e intervenção do público nos meios digitais, o que impõe formas diferentes de relação com as audiências. Nesse processo, a apuração da informação, a contextualização do acontecimento, a análise do fato e a criatividade na construção da reportagem serão sempre mais importantes que os suportes e as tecnologias no exercício de um jornalismo de qualidade, essencial para a compreensão do Brasil e do mundo.

Referências

AGUIAR, S; CERQUEIRA, J. F. Comunicação ambiental como campo de práticas e de estudos. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 13, n. 24, p. 11-20, jan.-jun. 2012. Disponível em: <http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/1474/1191>. Acesso em: 16 mar. 2013.

ALVEZ, C.; MAGALHÃES, L. E.; MARQUEIRO, P. Cidades farão acordo para reduzir emissões. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2012, Caderno Especial, p. 3.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARBOSA, S.; TORRES, V. Extensões do paradigma JDBD no jornalismo contemporâneo. In: **COMPÓS**, 21., GT Estudos de Jornalismo, 2012,

Juiz de Fora. **Anais...** Juiz de Fora, 2012. Disponível em: <<http://compos.org.br/pagina.php?menu=8&mmenu=&ordem=1D&grupo1=&grupo2=>>>. Acesso em: 4 dez. 2012.

BECKER, Beatriz. **A linguagem do telejornal**. Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.

_____. **Mídia e Jornalismo como formas de conhecimento:** uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. Revista Matrizes, São Paulo, v. 5, n. 2, 2012.

BECKER, Bertha. O que causa a perda da biodiversidade é a estrutura econômica que aí está. **Entrevista a Rogério Lessa Benemond. Desafios do Desenvolvimento (IPEA), a. 9, n. 72, 2012.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=2764:catid=28&Itemid=23>. Acesso em: 28 jun. 2012.

DINES, A. Os consensos possíveis da Rio+20. **Observatório de Imprensa, OI na TV**, programa n. 645, 26 jun. 2012. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/videos/view/analise>>. Acesso em: 10 jul. 2012.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.
HACHTEN, W. A.; SCOTTON, J. F. **The world news prism: challenges of digital communication**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Trad. Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

McCOMBS, M. **A teoria da agenda**. A mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEDITSH, E. **Pedagogia e pesquisa para o jornalismo que está por vir**. A função social da Universidade e os obstáculos para a sua realização. Florianópolis: Insular, 2012.

ROCHA, C. Superempréstimo para obras. **O Globo**, Rio de Janeiro, p. 12, 12 jun. 2012.

RODRIGO ALSINA, M. **A construção da notícia**. Trad. Jacob A. Pierce. Petrópolis: Vozes, 2009.

SALAVERRIA, R.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado, convergência de médios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol 90, 2008.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SANTANNA, L. Fórum criado na Rio+20 fiscalizará o cumprimento de compromissos. **Planeta Estadão**, Rio+20, 25 jun. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,forum-criado-na-rio20-fiscalizara--o-cumprimento-de-compromissos-,891067,0.htm>>_ Acesso em: 26 de jun. de 2012

SPONHOLZ, L. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

STAM, R. **Bakhtin, da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo: Ática, 1992.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.